

“ Lucidez em tempos de obscurantismo ”**CAPITÃO CARLOS ROBERTO PITTOLI**

Nascido em Avaí, interior de São Paulo, Pittoli é Capitão reformado do Exército Brasileiro, anistiado, advogado, especialista na área de organizações e métodos. Atuou em defesa da democracia durante o regime militar e foi membro do MNR – Movimento Nacionalista Revolucionário, da VPR – Vanguarda Popular Revolucionária, do MR8 – Movimento Revolucionário 8 de outubro, além de ter militado no MDB, PCB E PSB.

Entrevistadores: Prof.ª Milena Tarzia e Samuel Garcia

¹ Entrevista realizada em 26 de julho de 2019, na casa do Dr. Pittoli, em Bauru – SP, por Milena Tarzia e Samuel Garcia.

1. Milena: *“Pitoli, como militar, você poderia nos contar um pouco sobre as organizações e movimentos dos quais fez parte? Como eles funcionavam, qual era o seu papel nas células, como você se definia no grupo?”*

CRP: “Entrei para o Exército em 1965, como soldado raso e fui fazendo cursos e subindo de patente até alcançar o posto de 3º Sargento. Em 1967, entrei para a PE – Polícia do Exército e servi em Quitaúna / Osasco - SP, momento em que reencontrei meu colega de infância Darci Rodrigues, já estabelecido no grupo. Foi ele quem me apresentou a um grupo de militares e ex-militares, que tinha sede no Bixiga, em São Paulo. Ali foi o início da organização. Até minha entrada no Exército, eu era apenas um rapaz trabalhador e engajado, que lia muito. No entanto, tomei maior conhecimento dos autores revolucionários através de um amigo, filiado ao Partidão.² Já como soldado, depois de ter contato com outros nomes do MNR, servi ao grupo como uma espécie de informante, trocando dados e fornecendo subsídios operacionais aos demais membros.³ Eu participava de reuniões e estabelecia contato com os militares da ativa, buscando congregá-los.

O MNR desmembrou-se e, em 1966, parte do movimento, junto da POLOP, criou a VPR – Vanguarda Popular Revolucionária, cujo comando nacional ficava à cargo do Sargento Onofre Pinto e de Carlos Lamarca. Eram movimentos de luta e resistência, que buscavam atingir o regime através de mecanismos de ataque direto ao *establishment*. Eu me defino como um militar atuante do grupo, mas pouco ofensivo no que concerne a estes mecanismos.

Tanto o MNR, quanto a VPR eram, de fato, organizações muito bem coordenadas, cujas ações eram calculadas, ensaiadas, prescritas. A VPR durou cinco anos e teve seu fim em 1971, quando o último comandante do grupo, José Raimundo da Costa, foi assassinado, após a delação do Cabo Anselmo.”

² Pittoli não chega a mencionar o nome do amigo que o apresentou as leituras de esquerda, em 1963; foi seu colega de quarto numa pensão na Vila Pompeia, em São Paulo. Partidão era o apelido do PCB, Partido Comunista Brasileiro.

³ Há inúmeros relatos que poderíamos citar aqui, para ilustrar as ações de Pittoli, mas devido à extensão, deixaremos para uma próxima entrevista.

2. Milena/Samuel: *“Você pode nos contar um pouco sobre suas prisões? Sei que ficou em vários presídios e conviveu, inclusive, com o Zé Dirceu. Conte como foi a reação de sua família, se houve tentativa de fuga, com quem mais esteve e o que houve depois?”*

CRP: “Fui preso em 5 de fevereiro 1969, durante o governo Médici, em São Paulo, quando estava na PE. Havia uma sala, que chamávamos de “escolinha”, porque lá funcionou uma escolinha da Polícia do Exército; era uma verdadeira sala de tortura. Foi lá que, posteriormente, se estabeleceu a sede do DOPS. Fui delatado ali, na escolinha, pelo Onofre Pinto, que estava jogado nu, num banco de madeira, com um fio de eletricidade no pênis e outro na orelha. Estava um caco. Pediram-lhe que falasse do Pittoli e ele falou. Disse que eu era da organização e que participava das reuniões. Quando viu que eu estava ali, me pediu desculpas. Quem comandava a tortura era o Pivato, extremamente agressivo, e foi aí que eles me pegaram, depois de vários interrogatórios, e já começaram a partir para a porrada. Aí foi só tortura, lá mesmo, na escolinha. Mais tarde chegaram: Luiz Travassos, da UNE; José Dirceu, Vladimir Palmeira e outros dois, que foram presos no Congresso da UNE, em Ibiúna. Eles vinham do 2º Grupo de Artilharia de Costa Motorizada, sediado em Praia Grande – SP. Depois de uma troca, eu fui para lá e fiquei preso na Fortaleza de Itaipu, numa solitária durante 10 meses. Nesse momento eu já havia sido torturado o suficiente. Quem estava no controle era o Coronel Erasmo Dias, que foi secretário de segurança pública de São Paulo. Nessa solitária eu podia receber, de vez em quando, visitas da minha família que, obviamente, sofria muito com toda a situação.

Samuel: *“10 meses numa solitária sem banho de sol nem nada?”*

CRP: “Nada. Tinha uma frestinha que a gente tentava até olhar o mar, mas só via um pouco de mato. Não tinha banho de sol. Não deixava de ser uma

espécie de tortura. Depois, eu fui transferido para o presídio Tiradentes ⁴ mais um tempo; de lá, tive uma passagem pelo DOPS de São Paulo, momento em que fui novamente torturado e, por último, fiquei quase um ano no Carandiru, no pavilhão 8, 5º andar, em cela individual, nº 16. ”

Samuel: “Apesar do pavilhão 9 ser o mais ‘famoso’, você chegou a conhecer outros presos lá no Carandiru, encontrou-os depois? ”

CRP: “Ah sim, mesmo ficando em cela individual, a gente sempre acaba convivendo. Anos depois, quando eventualmente a gente se encontrava, eles sempre brincavam: ‘ Ô Sargento, ô corró! “, que vem de correccional (rs). ”

Milena: “Você não chegou a se exilar, né? ”

CRP: “Não. Eu fui solto em 11 de março de 1971 e, depois disso, passei a viver em Bauru, onde estudei e continuei militando politicamente, ajudando na construção do MDB. Militei no MR-8, clandestino, participando das reuniões com companheiros para discutir ações políticas e cooptação de novos militantes. Depois de 1985, filiei-me ao PCB e, mais adiante, ao PSB. Em 86, fui candidato à deputado estadual e, em 2002, candidato ao governo do Estado de São Paulo. Deixei o PSB e atualmente não participo ou milito em nenhum partido.

Advoguei até meados de 2005, quando fui reintegrado ao Exército Brasileiro e, concomitantemente reformado (aposentado) com o posto de Capitão. Sou casado com Maria de Lourdes Tezani Pittoli, tenho 4 filhos e 6 netos.

Aqui em Bauru a gente teve algumas situações específicas sobre os movimentos de luta contra a ditadura, mas nada muito grande. Lembro do caso dos irmãos Petit, do Delegado da sede do Dops em Bauru, o Cremonesi, que me assistia assinar um livro de presença, mesmo após minha soltura. Também sei que teve

⁴ Ver mais em: PITTOLI, Carlos Roberto. *A fortaleza e o queijo*. In: Tiradentes, um presídio da ditadura. Memórias de presos políticos. São Paulo, SP: Scipione Cultural, 1997.

um movimento relativamente grande da Direita em Bauru, a FAC – Frente Anticomunista, idealizada e liderada pelo Promotor Sílvio Marques Júnior.⁵

3. Milena: *“Aproveitando o gancho, fale mais um pouco sobre a tortura enquanto instrumento político e sobre o Onofre Pinto, que acredito ser uma figura um tanto quanto esquecida, ao menos nos estudos sobre a história dos movimentos revolucionários brasileiros”.*

CRP: “Algo terrível, Milena.

Uma coisa é apanhar vestido. Mas sem isso daqui? Isso aqui, Milena, é uma armadura (apontando para a roupa). Quando tiram isso aqui, você se expõe por completo, não tem jeito. Pancada de todo o tipo. E você acaba falando e assinando o que eles querem. Se eu disser que não falei nada, tô mentindo. Mas eu nem sei o que falei, o que assinei. Você acaba falando, porque existem graus de tortura, né? Claro. Tem aquele que vai levar um tapa e falar até o que não sabe. E tem aquele que perde a vida, mas não fala nada. O único que conheci que realmente não abria a boca para nada era o Diógenes.⁶ Mas, você entende, Milena? Não tem como. É brutal.

Samuel: *“E o Onofre? Há muitas lendas sobre ele. Dizem que era homossexual e tinha um caso com o Cabo Anselmo. Disseram que ele morreu, mas alguns falam que ele reapareceu na década de 90, que ele estaria vivo...”*

CPR: “Imagina! Nada disso. Onofre era super respeitável, correto. Ele era o meu mentor. Não tem nada disso, não. Um cara que via o movimento armado como

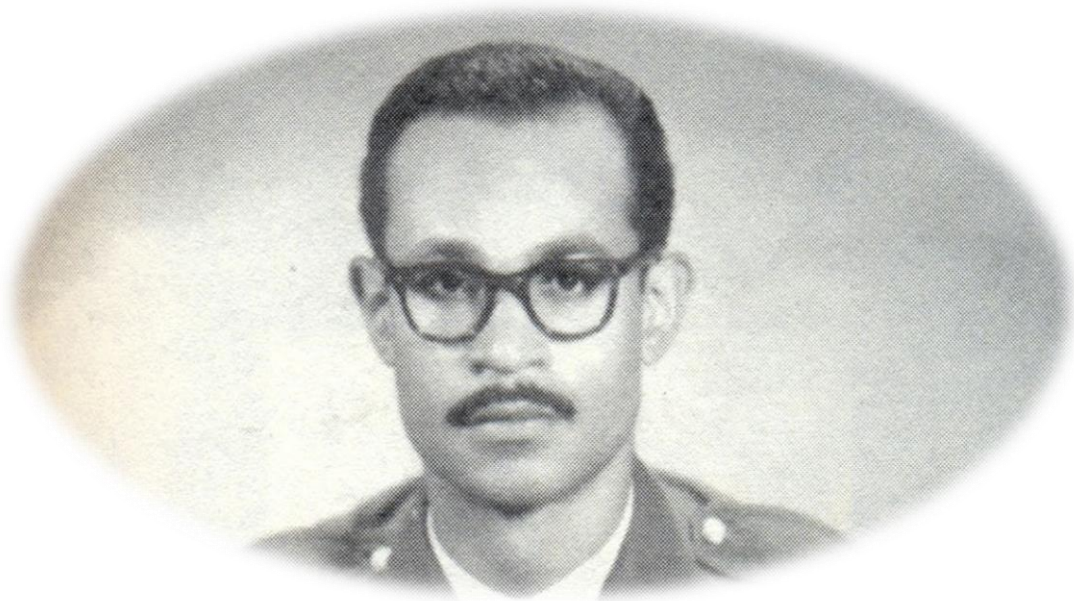
⁵ Segundo o Relatório das atividades do grupo de trabalho *“Bauru, Memória e Verdade”*, vinculado à Comissão de Direitos Humanos, Cidadania e Legislação Participativa da Câmara Municipal de Bauru, sob a coordenação do então vereador Roque José Ferreira, Sílvio Marques Júnior mantinha um arquivo secreto com o nome, endereço, e qualificações de todos os “esquerdistas” de Bauru, para serem presos ‘no momento da virada política pela revolução patriótica.’ (2015, p. 41.)”

⁶ Diógenes José Carvalho de Oliveira, economista, foi torturado e exilado.

resistência e que pensava também na inserção social. Não só no político, mas no social. E ele morreu, com certeza. ”

Milena: “Foi executado? ”

CPR: “Foi executado. ”



4. Milena: *“Ainda com relação à tortura, eu gostaria que você falasse um pouco sobre a ‘esquerda delatora’, os militantes infiltrados, os “traidores”. Porque você mesmo comentou que existem esses limites de tortura e que, de uma forma ou de outra, os presos acabavam delatando, confessando. E é muito difícil distinguir o que é verdade e o que não é.”*

CPR: Ah, sim. Houve infiltração, tinha gente que trabalhava para ‘os dois lados’ e tudo o mais. Mas realmente era difícil não delatar, por isso que eu não condeno, não.

Milena: *“E o Hermes? ⁷ Que era tido como o grande traidor da VPR? ”*

CPR: *“Eu não condeno o Hermes, não. Os caras torturavam mesmo. Tinha muita tortura psicológica também, você não imagina o que é isso. Muitas mulheres foram torturadas também. Você imagina o que é para uma mulher ficar nua diante do torturador? ”*

Samuel: *“Você chegou a conhecer o Lamarca? Porque ele foi morto em 71. ”*

CPR: *“Sim, sim. Eu o conheci, nós servimos no mesmo QG. Homem excepcional. ”*



5. Milena: *“Pittoli, muita gente atribui que essas rachaduras ou que o sectarismo que existe hoje na esquerda brasileira é fruto dessas dissidências e discrepâncias que ocorreram durante o Regime, dessas delações, do que não deveria ter sido dito. Você acredita nisso? ”*

⁷ Hermes Camargo Batista (codinome Xavier), ficou conhecido como o grande delator dos movimentos revolucionários. Foi homenageado e virou nome de rua na cidade de Bauru.

CPR: “De forma alguma. As rachaduras na esquerda não começaram aí. Sempre existiram divergências nos movimentos. Aquele que pensava que tinha de ter luta armada, e aquele que pensava que não. Eram conflitos ideológicos. E eu atribuo o sectarismo e as disputas de hoje também aos conflitos de ego. Um querendo mais poder que o outro. Vaidade e um discurso completamente descolado da realidade. Não há mais organização de fato. Você conhece um partido político de esquerda que seja assim? E, principalmente, que não seja despregado da realidade social? Porque eles separam o político do social, e não pode. Eu acredito em necessidade de organização, em evolução, em inserção social, em solidariedade. Se você me disser que existe um movimento ou organização assim, hoje, realmente voltada para as necessidades do povo e para a educação deles, me avisa, que eu estou dentro! ”

6. Milena: *“Para finalizar, já que a entrevista já tem mais de duas horas, eu queria te perguntar sobre um vídeo teu. Eu assisti à uma fala tua, se não me engano, durante a cerimônia da Comissão de Anistia, em 2010 ou próximo disto, em que você diz que teria ficado feliz e satisfeito por ter auxiliado a restabelecer a democracia no país. Mas, e hoje? Sabendo que não vivemos senão sob uma máscara de democracia, que não há nada de sólido e que nossas instituições correm sérios riscos, o que pensar? O movimento armado seria uma opção? ”*

CPR: “Não. Não penso que o movimento armado seja uma opção, ao menos não por ora. Já passei por muita coisa e acho que o caminho é outro. Um discurso mais próximo da realidade social, um crescimento conjunto e solidário a partir da educação, da doação, do amor. A luta continua sempre, mas é preciso conscientizar a população, levar conhecimento. ”

Milena: "E como é difícil, não? Nós que somos professores, estamos sofrendo muito. O que estão a fazer com as universidades públicas, com o ministério da educação, com a ciências. Esse negacionismo da História, esse obscurantismo mais que ignorante. Como superar tudo isso? Se levamos 21 anos para começar a superar o regime anterior, quantos anos levaremos para superar o que está acontecendo agora? "

CPR: É difícil, é difícil. A gente fica sem saber o que fazer. Mas eu acredito que a gente vem ao mundo para evoluir e para crescer juntos, em convivência. Somos seres sociais. Não dá para aceitar que uma pequena parcela da população tenha muito e que muitos não tenham nada. É preciso participar mais ativamente, de modo sistemático mesmo, uma organização nova, forte, que dê conta de tudo isso e que não se descole do social, do povo. E eu não estou falando de caridade. O auxílio é necessário, mas não é só isso. Conscientizar é caminho.

Sobre os entrevistadores:

Milena Tarzia é Professora Universitária, Doutoranda em História pela UNESP (em vias de defesa), Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Advogada (Bacharel em Direito pela Universidade Estadual de Maringá - UEM), graduada em Filosofia pela Universidade Metodista de São Paulo. Graduanda em História (UNIP). Foi Coordenadora do Curso de Direito da FASC/OAPEC e Presidente do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Direito da FASC/OAPEC (ago 2015 – nov 2018). Atualmente é Parecerista da RBCCrim (Revista Brasileira de Ciências Criminais), Parecerista da Revista Liberdades (IBCCrim), Parecerista da Editora Abril - Avaliação de Cursos Superiores do Guia do Estudante, Parecerista das Revistas "Direito em debate", "(Re) Pensando o Direito", Internet & Sociedade, Revista da Faculdade de Direito da UFRGS. É criadora e editora-chefe da Revista ANANKE. É editora-associada da Revista Arqueologia. É sócia da SBEC - Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, da ABHR - Associação Brasileira de História das Religiões e da ABAMO - Associação Brasileira de Arqueologia do Mediterrâneo Oriental. É

membro do Núcleo de Estudos sobre Teorias da Justiça – UEL (Londrina) e do NEAM - Núcleo de estudos antigos e medievais da UNESP/Assis.

Samuel Garcia é Graduado em Letras - Licenciatura Português/Inglês pela UNIESP, músico, ativista e escritor.

26 de julho de 2019.